

FUNDAMENTAÇÃO METAFÍSICA PARA UMA EDUCAÇÃO VOLTADA PARA O FIM ÚLTIMO NECESSÁRIO

Lucas soares dos santos¹

RESUMO: O presente trabalho é uma pesquisa com uma perspectiva filosófica metafísica sobre a educação, isto é, procura-se entender o tema a partir do seu princípio primeiro e seu fim último. No entanto, para se falar de educação deve-se ter duas premissas, o homem e o mundo. Não se pode entender o fim último da educação sem entender o fim último do homem, e não se compreende a finalidade do homem sem compreender o mundo que ele vive. Portanto, a pesquisa irá se contrapor aos métodos educacionais atuais em defesa da noção clássica e medieval da educação.

Palavras chave: Educação, sabedoria, contemplação.

ABSTRACT: The present work is a research with philosophical and metaphysical perspective about Education, that is, this work tries to understand the subject from its first principle and its last purpose. However, in order to speak about Education, it is necessary to have two premises, which are the man and the world. It is not possible to understand the last purpose of Education without understanding the last purpose of the man, and it is not possible to understand the last purpose of the man without understanding the world in which he lives in. However, the research will oppose itself to the current education methods in defense of the classical and medieval idea of Education.

Key Words: Education, wisdom, Contemplation.

I. INTRODUÇÃO

A educação tem sido tema de diversas discussões atualmente, tanto na área filosófica como na sociológica ou política, histórica, etc. Há séculos homem tem se inquietado por saber como conhece, porém, com o passar do tempo, devido a influência de filosofias modernas, passou a existir um primado do sujeito cognoscente sobre o objeto que é conhecido, isto é, um primado da epistemologia sobre a ontologia. Com o propósito de nos debruçarmos propriamente sobre o assunto, o fim último da educação, é essencial entender a visão de mundo do homem

Outra questão importante é entender que tanto o mundo como homem e a educação tendem a uma finalidade última, e que tal finalidade aos poucos foi sendo deixada de lado, e a consequência disso é uma finalidade voltada para os bens materiais.

A investigação dar-se-á ao procurar entender o fim último e necessário do homem que é contemplação da sabedoria. Para que isso seja bem delimitado se faz necessário entender a natureza da sabedoria e o caminho para se alcançar a mesma, que é a contemplação.

¹ Seminarista da Arquidiocese de Brasília. Graduando do 2º ano do curso de filosofia no seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima. Email: lucassoares778@gmail.com

O presente trabalho não tem como objetivo apresentar um modelo educacional ideal, mas apresentar a necessidade de uma fundamentação metafísica para educação e o modo como isso será feito decorrerá ao apresentar elementos básicos para que seja refletido a real necessidade dessa fundamentação.

II. O HOMEM E O MUNDO

O homem grego ao olhar o mundo admirava-se, e para ele só havia aquele mundo, o limite do seu conhecer era o mundo. Não havia um ponto de apoio fora da realidade para transcendê-la, como terá o homem medieval. Os deuses gregos também faziam parte deste mundo como “uma abóbada de uma igreja”, portanto, a partir dessa perspectiva, o homem antigo tentará compreender o máximo possível a realidade que lhe é acessível, ou seja, a *physis* (GUARDINI, 1995).

Este homem grego buscava entender o mundo não apenas de modo puramente intelectual, como muitos cientistas atualmente fazem. Ele o contemplava e por meio dessa contemplação visual era alcançado uma contemplação intelectual. Consideremos os pré-socráticos, eles não apenas olharam para natureza e criaram teoria sobre a origem da *physis*, eles tomaram consciência de uma ordem no mundo e se **habituar**am a contemplar a natureza (DONATO, 1992).

O homem medieval, por sua vez, possuirá um ponto arquimédico fora do mundo. Deus se revelou, existe uma realidade além do mundo, uma Realidade Divina, que não depende do mundo. Há, portanto, um desenvolvimento da visão cosmológica do homem (GUARDINI, 1995).

O homem moderno, depois de perceber o mundo – ele mesmo e a natureza – e Deus, volta seu olhar para si. O mundo (natureza) perde a sua relevância e a revelação de um mundo divino se torna duvidosa (GUARDINI, 1995).

O homem da Idade Moderna sente o inexplorado como atrativo. Estimula-lhe o desejo de explorar. Começa a descobrir e a conquistar novos continentes. Sente a possibilidade de se aventurar no mundo infinito e de se tornar o seu senhor.” (GUARDINI, 1995, p. 37)

Portanto, há uma inversão na ordem do conhecimento, como já foi dito, em que o sujeito pensante torna-se senhor sobre o objeto conhecido.

III. A CERTEZA DA REALIDADE

Tendo em vista essa perspectiva de o homem tornar-se senhor da realidade façamos um breve estudo sobre a realidade. Santo Tomás afirma que a primeira coisa que se apresenta à inteligência é o ente, - o ente é aquilo cujo ato é ser (AQUINO, 2016). Para se entender a profundidade de tal afirmação é necessário entendermos o lugar da gnosiologia, teoria do conhecimento, ao redor da ciência do fim último que é a metafísica.

O fundamento de uma gnosiologia bem ordenada é o axioma de Santo Tomás, “a verdade é a adequação da coisa com o intelecto” (AQUINO, 2016, p.144). Porém, para se alcançar uma boa gnosiologia devemos afirmar o primado da metafísica sobre a gnosiologia. O porquê disso deve-se ao fato da metafísica clássica afirmar uma realidade que se fundamenta no ser (LLANO, 2004).

O objeto a qual o intelecto se adequa não pode ser ponto de dúvida. Isso se dá porque a “incerteza do conhecimento” gera uma “incerteza da realidade”. Essa problemática surge com o filósofo Ockham que formula um “imanentismo antropocêntrico” em que o pensar prevalece sobre ser (LLANO, 2004).

Descartes fundamenta mais ainda esse problema quando formula o *cógito ego sum*, que tem como fundamento a dúvida sobre toda realidade, tendo certeza somente do eu pensante, ou seja, só se pode provar a existência do eu pensante, o resto deve ser sujeito à dúvida. O ser se identificará com o pensar e o método cartesiano buscará uma certeza matemática e dedutiva sobre a realidade (LLANO, 2004).

O sujeito potencializa-se até a pensar em Deus, mas nunca ultrapassa realmente o âmbito das representações mentais. Nesta direção, o pensamento moderno será, sobretudo, uma filosofia da consciência representativa (LLANO, 2004, p.17).

Recordemos a teoria de Kant, que radicaliza essa postura: “Não é o pensamento humano que gira em torno das coisas, mas os objetos que giram, tendo o sujeito cognoscente como eixo” (LLANO, 2004, p.18). Aqui a gnosiologia assume o lugar da metafísica, fazendo com que os próximos filósofos se preocupem mais com o pensamento do que com a realidade (LLANO, 2004).

Acontece, nesse período, um divórcio com a realidade, com um início mais concreto em Descartes, e é radicado uma filosofia crítica que não mais se preocupa com um saber que gera contemplação como os antigos (Llano, 2004).

Em contraposição a isso temos a afirmação da certeza da realidade em que “a verdade do intelecto depende do ser” (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014, p. 211),

logo não se pode duvidar ou ter um espírito de querer modificar a natureza das coisas. O ente é ente antes de o homem inteligir esse ente, existe uma fundamentação ontológica nas coisas (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014).

Isso tudo é dito para percebermos a necessidade de ter consciência sobre a realidade. Não se pode falar de educação voltada para o fim último necessário sem perceber a real necessidade de perceber o mundo que nos rodeia fundamentado no ato de ser.

IV. FINALIDADE DO HOMEM E DA EDUCAÇÃO

A educação deve conduzir o homem a seu fim, por isso a finalidade da mesma é a contemplação da sabedoria, em oposição a isso temos na contemporaneidade uma educação voltada para fins materiais e temporais (DONATO, 1992).

“Levar o homem à contemplação é, pois, a finalidade última de todo esforço educacional” (DONATO, 1992, p .9). Se olharmos para o período ápice da filosofia medieval veremos que a educação tinha como missão fazer com que o aluno enxergasse uma verdade, e a finalidade daquele estudo era o “aperfeiçoamento” do homem (HUGONIN, 2019).

“Assim, a ciência não terá como finalidade direta o aumento da fortuna pública e o aumento dos prazeres materiais. O corpo do homem vale mais do que o mundo material, e sua alma vale mais do que seu corpo” (HUGONIN, 2019, p.62). Quanto a isso, percebamos que existe uma hierarquia quanto aos fins a serem alcançados pelo homem assim como existe uma hierarquia na criação, postulada por Aristóteles – vida vegetativa, sensitiva e intelectual (REALE, 2003). Portanto, os meios não podem ser mais importantes do que o fim último necessário (HUGONIN, 2019).

É algo que deveria ser repetido constantemente a um século materialista: a primeira finalidade da ciência é a perfeição do homem, e não é senão sob esta condição que seus progressos e os progressos das demais artes são também o progresso da humanidade (HUGONIN, 2019, p.62).

Este fim, o qual aspira a vontade humana, possui algumas características fundamentais, entre elas se destaca o fato de que o fim último é o cume de fins intermediários (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014). Deve ser desejado por si mesmo, deve ser perfeito, e suficiente, isto é, nada pode lhe acrescentar algo, é tão perfeito que nenhuma perfeição pode lhe ser acrescentada (DONATO, 1992).

Neste sentido, somente Deus seria bem perfeito; não há nada que possa ser acrescentado a Deus que o torne mais perfeito. Esta não pode ser a felicidade humana, pois esta só pode pertencer ao próprio Deus; a felicidade humana, portanto, seja o que ela for, terá que ser algo sempre possível de ser aumentada (DONATO, 1992, p.33).

A vontade humana que tende a uma felicidade possui ainda algumas características além das já enumeradas. Pode-se dizer ainda que a felicidade do homem não consiste em bens materiais e temporais, por isso a finalidade do homem e da educação não pode ser um deleite do corpo, riquezas – tenha-se em conta o fato de que a contemporaneidade influenciada por ideologias como marxismo, materialismo, positivismo, cientificismo tem uma tendência a colocar bens materiais como objetivo último do homem, facilmente encontramos estudantes que estudam para ter vivendo, como tantos autores já denunciaram, o primado do ter sobre o ser – , exercícios de virtudes morais, que relaciona-se com a vida civil do homem (DONATO, 1992).

Se a finalidade do homem não consiste nisso, em que consiste então? Consiste, como já foi enunciado, na sabedoria. A contemplação da verdade que se dá na busca da sabedoria, a sabedoria, porém, é uma virtude intelectual que não está voltada para ação e se difere das virtudes morais já mencionadas. Deve-se, portanto conduzir o homem por meio da sabedoria até um encontro com verdade. Santo Tomás afirma o seguinte:

Se a felicidade última do homem não consiste nas coisas exteriores que são ditas bens da fortuna, nem nos bens do corpo, nem nos bens da alma quanto à parte sensitiva, nem quanto à parte intelectual segundo os atos das virtudes morais, nem segundo os atos das virtudes intelectuais que dizem respeito às ações, como as artes e a prudência, conclui-se que a felicidade última do homem esteja na contemplação da verdade (DONATO, 1992, apud AQUINO, p. 50).

Realçamos a consonância que existe entre a finalidade do homem, por conseguinte, com educação. Se o homem tende a um fim último voltado para contemplação da verdade, a educação deverá ter a tarefa de o conduzir a esse fim.

V. A NECESSIDADE DE UMA FINALIDADE

Pode-se notar até agora uma transição de pensamento no qual em um primeiro momento há uma primazia da *physis*, depois um teocentrismo até que, por fim, se chega a um antropocentrismo que ao longo dos séculos resulta, em muitas realidades, num subjetivismo exacerbado. Também já foi delimitado finalidade do mundo, homem

e da educação, essa via foi escolhida devido ao objetivo principal do artigo que é apontar a falta de uma finalidade na educação que gera alguns problemas prevalentes atualmente. Segundo Donato (1992, p. 5), o “testemunho de muitos filósofos, toda a filosofia, e, por conseguinte, toda a filosofia da educação, se articula em torno da questão do fim.” Agora, é importante pensar a necessidade, que se opõe a contingência da uma finalidade única última para o homem e a educação.

Toda a realidade tende a um fim. Desde o ente com menos ser ao ente com mais ser (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014). A planta, a cadeira, o elefante e o homem têm um fim e “qualquer coisa está disposta otimamente quando está convenientemente ordenada ao seu fim” (DONATO, 1992, p. 5). Este é o ponto fundamental que destacamos, existe uma necessidade intrínseca nas coisas de estarem ordenadas ao seu fim, e no caso do homem, ele só poderá ser feliz quando alcançar o fim que lhe é devido, isto é, a contemplação da verdade. Tomemos por exemplo Santo Agostinho, que mudou toda a sua vida quando percebeu que o que buscava não era a retórica, poder ou outros bens temporais, e sim a contemplação da sabedoria (AGOSTINHO, 1997).

A natureza do homem está ordenada a um fim, e esse fim é a “perfeita felicidade [que] consiste na contemplação da verdade” (DONATO, apud AQUINO, p. 8). Se o homem tende a esse fim, a tarefa da educação será levar o homem a contemplar a verdade. Ela deve realizar o desejo que está no mais íntimo mais íntimo do coração do homem fazendo com que ele possa realizar a sua natureza. Já definidos estes pontos cabe agora meditar sobre a natureza da sabedoria e da contemplação.

VI. A SABEDORIA E A EDUCAÇÃO

Se a educação está direcionada para sabedoria se faz necessário uma delimitação sobre a natureza da mesma. A sabedoria é uma virtude que versa sobre as primeiras causas e princípios, não é apenas uma virtude do intelecto que está voltada para os primeiros princípios – identidade, não-contradição –, e é imediato, nem uma virtude da ciência que é um conhecimento pelas causas e mediato, isto é, necessita de demonstrabilidade. A sabedoria se dirige ao ser, o princípio primeiro de toda a realidade e se ela está voltada para os primeiros princípios pode-se dizer que ela tem uma natureza metafísica (DONATO, 1992).

Pode-se presumir que esse ser que é “objeto” da sabedoria – necessário, suficiente, perfeito, princípio primeiro –, é Deus. No entanto, “o conhecimento [...] que a sabedoria alcança de Deus é muito diferente do conhecimento que comumente as pessoas têm de Deus” (DONATO, p. 57, 1992). Os homens têm a capacidade de conhecer a Deus sem ser por esse caminho e a maioria das pessoas seguem essa via, Santo Tomás afirma que: “Existe um conhecimento confuso de Deus comum a todas as pessoas” (DONATO apud AQUINO, p. 57, 1992), e “todos os homens pela razão natural podem alcançar de modo imediato um certo conhecimento da existência de Deus” (DONATO, 1992, p. 57 apud AQUINO). Tenha-se em vista o que São Pio X (1907, p. 3) disse em relação ao assunto: “Se alguém disser que o Deus, único e verdadeiro, criador e Senhor nosso, por meio das coisas criadas não pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, seja anátema.”

Portanto, “sabedoria, conforme vimos, é o fim de todos os atos humanos. Mas este conhecimento geral que todos os homens têm de Deus não necessita da ordenação de todos os atos humanos como a um fim” (DONATO, 1992, p.58). A sabedoria não é, em seu sentido estrito, um conhecimento de Deus, já que o homem pode conhecer Deus sem ordenar todos os seus atos para uma finalidade².

O objeto de estudo da sabedoria é: “um ser que é objeto imaterial e inteligente causa primeira de todos os seres” (DONATO, 1992, p.59). Ao dizer isso ele quer apontar para um ser que tem mais ser que os outros entes e que além disso é causa incausada de outros seres, segundo Donato (1992, p. 59), “assim também a sabedoria irá mostrar que o ser das coisas que vemos à nossa volta não é senão um ser em parte aquilo que é ser inteiramente para a causa primeira de todas elas” (DONATO, 1992, apud AQUINO, p. 59).

Melendo (2002, p.71) reafirma isso ao dizer que é dever do metafísico “interessar-se por cada sujeito no grau ou dimensão marcados por sua densidade ontológica, pela magnitude em que, efetivamente é”. Por conseguinte, cada sujeito possui um grau de ser, porém esse grau de ser não pode ser infinito, é necessário que na realidade haja um ser que é causa desses outros graus de ser.

²Compreende-se isso melhor ao conhecer os fundamentos da metafísica tomista que é dividida em três realidades: esse *simpliciter*, ente; esse *commune*, ser transcendental; *Ipsum Esse Subsistens*, Ser absoluto (MOLINARO, 2002)

Pode-se então concluir que a sabedoria só estuda o ser causa primeira de todos os entes? Não, porque de algum modo o ser se liga aos entes. A sabedoria também terá como objeto de estudo a analogia do ente (DONATO, 1992).

Analogia dos entes significa que os entes não são ser no mesmo sentido; as coisas da natureza possuem uma parte do ser que a causa primeira tem inteiramente: elas não são ser no mesmo sentido em que o é a causa primeira, mas também não o são em um sentido totalmente diverso. Elas o são apenas em parte. Ora, quando várias coisas são ditas seres em sentidos nem totalmente idênticos nem totalmente diversos, mas uma tendo uma parte do que a outra tem plenamente, elas são ditas análogas (DONATO, 1992, p. 60).

A sabedoria lida com a causa primeira de todas as coisas e com todos o ser presente em todos os entes por causa da analogia. Ela unifica todas as virtudes tanto a do intelecto como das ciências, e nos mostra uma interlocução entre elas (DONATO, 1992).

Reafirmamos a relação que existe entre a finalidade do homem e da educação, as duas finalidades devem culminar na sabedoria, na contemplação da verdade, e consequentemente, a educação deve conduzir o homem a essa finalidade.

VII. A CONTEMPLAÇÃO E A EDUCAÇÃO

Já foi mencionado a importância do objeto o qual a inteligência se dirige que é o mundo e a atitude do homem grego e medieval de admiração. Ainda foi exposto a necessidade dessa admiração ter o cume em uma finalidade, e por conseguinte, a natureza da sabedoria, que se demonstra a partir do conhecimento do objeto. Agora se faz necessário entender o caminho concreto que se deve percorrer para alcançar tal fim, a contemplação.

Mas antes de alcançar a contemplação propriamente dita, o presente estudo terá em vista a via colocada por Hugo de São Vítor. Segundo a doutrina dele deve-se antes de tudo ter uma grande estima pela verdade – lembremos que a adequação do intelecto ao objeto gera uma verdade –, para se ter essa estima o indivíduo deve, antes de tudo, ter uma atitude humildade, após esses passos o homem deverá seguir pela leitura, que o a porta de entrada e pela meditação, a meditação possui três graus: o pensamento, a meditação e a contemplação (HUGONIN, 2019).

A meditação está em busca de uma verdade não conhecida que ainda está obscura, é conhecer uma casa ainda desconhecida, é perceber como um objeto

funciona, é investigar “prudentemente a causa e a origem, o modo e a utilidade de cada coisa” (HUGO, 2019, p. 73). E a contemplação, por sua vez, é:

Uma visão livre e perspicaz da alma de coisas amplamente esparsas. [...] é aquela vivacidade da inteligência que, possuindo todas as coisas, as abarca em uma visão plenamente manifesta, e isto de tal maneira que aquilo que a meditação busca, a contemplação possui (HUGO, 2019, p. 75).

Contemplar é possuir uma verdade de tal forma que aquela verdade se torna parte do homem, lembremos o poeta Camões, “Transforma-se o amador na coisa amada; por virtude do muito imaginar; não tenho mais o que desejar pois em mim já tenho a parte desejada.” A educação tem a tarefa de conduzir o homem à contemplação para que ele preencha a sua natureza.

O homem deve buscar um conhecimento que modifique seu ser, que o aperfeiçoe. Um acrescentar-se à sua natureza uma *secunda natura*, segunda natureza, como dizia Agostinho (Hamelin, 2019, p.10).

E essa contemplação deve iniciar pelo mundo, contemplar o mundo em tal intensidade de modo que a ordem do universo que contemplo é a ordem que se deve desejar ordenar o intelecto:

Ser capaz de compreender o espetáculo impressionante da natureza, contemplá-lo em toda a sua profundidade, estar consciente dele a todo momento e perceber a sua prodigiosa complexidade e quão inabarcável é em sua globalidade para um ato da inteligência humana, isto está acima da capacidade de qualquer outro ser natural, exceção feita ao homem. (DONATO, p. 42)

Essa atitude não é natural no homem, deve ser ensinada, por isso a educação deve ser uma educação voltada para o fim último necessário e não apenas para os contingentes como os sistemas educacionais modernos estão voltados (DONATO).

VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho educacional possui várias correntes, principalmente na modernidade, por causa desse fato pode-se cair no risco de pensar que todo problema educacional que se vive atualmente é um problema meramente metodológico ou pedagógico, com este breve estudo podemos perceber que o modo como o homem é educado é um problema gnosiológico, antropológico e sobretudo metafísico.

Uma educação que não está voltada para uma busca da contemplação da verdade está fadada ao fracasso, portanto, deve-se afirmar, em oposição a diversas posturas filosófica, a primazia da realidade do mundo tendo em vista sobretudo o ser, isto é, o ato de ser. O intelecto não pode ter primazia sobre o ser, a epistemologia não pode substituir a gnosiologia.

E não se trata ainda de desprezar uma educação que tem um fim intermediário técnico, mas ordenar em uma hierarquia, tendo consciência de que a ciência técnica, que faz um recorte da realidade, não pode ser maior do que uma ciência que tem como fim último a sabedoria.

IX. REFERÊNCIAS

Agostinho, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

Alvira, T.; Clavell, L.; Melendo, T. **Metafísica**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2014.

Aquino, T. **Suma Teológica**, v. 1, 4ª ed. São Paulo: Editora Permanência, 2016.

Donato, A. **A Educação Segundo a Filosofia Perene – Síntese Sobre a Educação Humana**. São Paulo, 1992. Disponível em: <<http://www.cristianismo.org.br/efp-ind.htm>> Acesso em 18/11/2019.

Donato, A. **Notas de Filosofia e Historia da Educação**. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine-data,_AA_VV,_Notas_de_Filosofia_e_Historia_Da_Educacao,_PT.pdf> Acesso em 18/11/19.

Guardini, R. **O Fim da Idade Moderna: em Procura de Uma Orientação**. Lisboa: Edições 70, 1995.

Hamelin, G. **Ciência e Saber: a importância da Concepção Platônica da Natureza da Epistêmê em Aristóteles**. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-21, 2018.

Hungonin, M. *Ensaio sobre a Fundação da Escola de São Vitor de Paris*. In: **Princípios Fundamentais da Pedagogia**. Foz do Iguaçu, PR: Associação Centro Hugo de São Vitor, 2019.

Llano, A. **Gnosiologia Realista**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2004.

Melendo, Tomás. **Metafísica da realidade**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2002

Molinaro, A. **Metafísica: curso sistemático**. São Paulo: Paulus, 2002.

Pio X, São. **PASCENDI DOMINICI GREGIS**. Disponível em: <
http://www.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html> Acesso em: 19/11/19.

Reale, G. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**, v. 1. São Paulo: Paulus, 2003.

São Vitor, H. *Opúsculo Sobre o Modo de Aprender e de Meditar*. In: **Princípios Fundamentais da Pedagogia**. Foz do Iguaçu, PR: Associação Centro Hugo de São Vitor, 2019.

